

**Dossiê Antropologia e Imagem: produções visuais na cidade****Cidade política, cidade poética:  
inscrição, circulação e cotidiano na cidade de Viçosa  
(MG)**

Jeferson Carvalho da Silva

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de  
Viçosa – UFV**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo esboçar a ampliação das categorias “inscrição” e “circulação” abordadas pela antropóloga Teresa Caldeira. Tais categorias referem-se a práticas de ocupação e produção dos espaços públicos das cidades. As imagens, nesse processo, auxiliadas pela busca de caminhos de aplicação e construção de “olhares disciplinados para ver as cidades”, propostos por Urpi Montoya Uriarte, se tornaram elementos importantes para observar e interpretar a realidade de ruas, becos e avenidas da cidade de Viçosa (MG), onde se deu o campo dessa pesquisa. Sob essas perspectivas nos aproximamos de uma cidade em constante movimento, produzida e ressignificada cotidianamente por seus habitantes.

**Palavras-chave:** Antropologia Urbana; Cidades; Espaço urbano; Fotografia; Desenho Etnográfico.

## Political city, poetic city: inscription, circulation and daily life in the city of Viçosa (MG)

---

### ABSTRACT

This article aims to outline the expansion of the categories “inscription” and “circulation”, proposed by the anthropologist Teresa Caldeira. Such categories refer to practices of occupation and production of public spaces in cities. The images, in this process, aided by the search for paths of application and construction of “disciplined ways to see the cities”, proposed by Urpi Montoya Uriarte, became important elements to observe and interpret the reality of streets, alleys and avenues of the city of Viçosa (MG), where the field of this research took place. From these perspectives, we approach a city in constant movement, produced and reframed daily by its inhabitants.

**Keywords:** Urban Anthropology; Cities; Urban Spaces; Photography; Ethnographic Drawing.

## Ciudad política, ciudad poética: inscripción, circulación y vida cotidiana en la ciudad de Viçosa (MG)

---

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo esbozar un intento de ampliar las categorías de "inscripción" y "circulación" abordadas por la antropóloga Teresa Caldeira. Dichas categorías se refieren a prácticas de ocupación y producción de espacios públicos en las ciudades. Las imágenes, en este proceso, orientadas por la búsqueda de caminos de aplicación y construcción de "miradas disciplinadas para ver las ciudades", propuestas por Urpi Montoya Uriarte, se convirtieron en elementos importantes para observar e interpretar la realidad de las calles, callejones y avenidas de la ciudad de Viçosa (MG) donde tuvo lugar el campo de esta investigación. Bajo estas perspectivas, nos acercamos a una ciudad en constante movimiento, producida y reformulada diariamente por sus habitantes.

**Palabras clave:** Antropología Urbana; Ciudades; Espacios Urbanos; Foto; Dibujo Etnográfico.

## Introdução

As cidades são produzidas e ressignificadas cotidianamente por seus habitantes. Estes, em suas práticas diárias, circulam por avenidas, ruas, becos e praças, produzem espaços e deixam ou não suas marcas. Cabe aos/às antropólogos/as urbanos ir atrás desses rastros, acompanhar essas marcas, observar as cidades em sua composição caleidoscópica e em seu movimento contínuo de produção e ocupação.

Assim, inspirado por duas categorias propostas pela antropóloga Teresa Caldeira (2012), *inscrição* e *circulação*, este trabalho anseia por esboçar uma narrativa acerca dessa busca, a partir de observações, encontros e espaços da cidade de Viçosa, Minas Gerais, onde se deu o campo dessa pesquisa<sup>1</sup>. Tais categorias dizem respeito a práticas de ocupação do espaço público, intervenções. São formas de apropriação e ressignificação desses locais através dos movimentos cotidianos de seus habitantes.

As *inscrições*, segundo a autora, referem-se a marcas deixadas por jovens que tomam a cidade como suporte de expressão, são manifestas através das pixações e do grafite. A *circulação* representa o que Caldeira (2012) chama de *novas práticas* de deslocamento pela cidade, ela as descreve, por exemplo, como o *skatismo* e o *motociclismo*. Todas essas práticas são formas de busca do direito à cidade, são expressões que moldam a ambiência dos espaços públicos e se destacam em linguagens políticas.

Dessa maneira, neste artigo há o esboço de ampliação dessas duas categorias de entendimento das práticas cotidianas dos habitantes das cidades. Deslocando-as e as observando através de outras lentes, por meio de um *olhar disciplinado para ver a cidade* (URIARTE, 2013). Esse olhar nos permite o descentramento de uma visão acostuada ao ambiente urbano e abre a possibilidade de fala ao próprio espaço estudado, fazendo com que este torne-se um interlocutor da pesquisa.

As incursões em campo que fizeram parte deste trabalho basearam-se também em experiências erráticas (JACQUES, 2012), que constituem-se em caminhadas para aproximação das experiências vividas nas ruas, do encontro com o outro, além de se apresentar como “um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano” (JACQUES, 2012, p. 192). Nesse processo, fotografias e desenhos tornaram-se ferramentas importantes, capazes de refletir sua produção com as próprias categorias estudadas.

Faz parte de certos trabalhos antropológicos, em suas incursões de campo, a construção de mapas em que são registradas “vozes, gestos, ações, ora uníssonas, ora

polifônicas, tanto quanto não-ditos e não-manifestos ou os aspectos não-verbais, como expressões corporais, gestuais, etc” (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 125). Por esse motivo, optou-se, como auxílio a esses registros, seguir as inspirações metodológicas de Gabriel Schvartsberg (2012) no que se refere à construção de *narrativas cartográficas*. As narrativas cartográficas, segundo o autor, são uma forma de mapear “modos de usar o espaço”. Nesse processo:

A sobreposição de variados dispositivos de registro da experiência, do vídeo à memória do corpo, constrói uma espécie de mapa de procedimentos ou operações de sujeitos ambulantes, mas também do próprio cartógrafo. A depuração desses mapas, desdobrados em discursos, constitui as narrativas cartográficas. (SCHVARTSBERG, 2012, p. 161).

Cada encontro em campo se torna uma dessas narrativas, assim: “Aceitando o risco de desviar-me dos procedimentos de pesquisa e narração convencionais na etnografia, experimento cada encontro nas ruas como uma ocasião única, fugidia” (ARANTES, 2000, p. 128). Estes encontros, em sua forma discursiva, se apresentam no texto como fotografias, desenhos e descrições etno-literárias (CANEVACCI, 1997) as quais, unidas, tomam a forma de um mapa subjetivo de algumas das ruas da cidade de Viçosa, em um percurso circunscrito sob a perspectiva das categorias de *inscrição* e *circulação* propostas por Teresa Caldeira.

## Inscrição

Rabiscos marcados de giz na calçada, nos postes, nos batentes das portas das lojas, nas paredes dos edifícios. Papéis rabiscados com caneta presos aos postes. Se você caminhar desatento pelas ruas do centro de Viçosa, não verá que o chão que pisa e as paredes à sua volta estão repletas dessas marcas. Mesmo que as perceba, talvez não dê tanta importância. Entretanto, se as perceber e encontrá-las mais de uma vez, você poderá descobrir semelhanças, até chegar à conclusão de que foram feitas pela mesma pessoa. Por sorte, poderá também encontrar o seu dono, inscrevendo-as, mas não terá a garantia de encontrá-lo novamente.



Figura 1: Inscrições no poste. Foto: Jeferson Carvalho da Silva, junho de 2019.

Eu persegui essas intervenções ao longo de meses. Elas não tinham local certo ou frequência para surgirem. Simplesmente as encontrava nos locais mais inesperados, embora se concentrassem principalmente na área central da cidade. Recolhi alguns dos papéis deixados nos postes, fotografei algumas das marcas de giz antes que se apagassem. No entanto, não consegui encontrar o seu dono, fiquei apenas com seus relatos de giz e tinta. São números, letras, desenhos e, raras vezes, frases e palavras desconexas. Certa vez, relatei a alguns colegas de curso sobre tais marcas. Eles ainda não as tinham percebido, mas, após meu relato, passaram a observá-las também. Alguns dias depois, um deles disse ter visto um homem fazendo as marcas ao entardecer, em frente à Câmara Municipal da cidade. Fora isso não tive mais informações sobre o dono das inscrições, apenas suspeitas imaginárias.



Figura 2: Inscrições no muro. Foto: Jeferson Carvalho da Silva, julho de 2019.

As *inscrições*, de acordo com Teresa Caldeira (2012), referem-se à produção de grafites e pixações realizadas por jovens na cidade de São Paulo. Entretanto, tomando-as enquanto categorias de entendimento acerca das práticas realizadas por habitantes das cidades, compreende-se aqui as inscrições em suas mais variadas formas. São eventos que tomam a cidade como suporte de expressão, uma comunicação cotidiana encontrada em cada esquina (ver figura 3). São marcas que ocupam suas paredes, muros, postes, portões, sendo produzidas por pessoas em suas vivências diárias, compondo uma narrativa sobreposta, feita em diversas linguagens que coabitam entre si – para além das restrições e direcionamentos “oficiais” que formam uma cidade determinada, já escrita (ver Figura 9). Elas se associam, como afirma Caldeira, a um processo de “representação de si mesmo”, onde os próprios habitantes “passam a dominar uma produção própria de signos” (CALDEIRA, 2012, p. 39).

É o que ocorre, por exemplo, com as intervenções deixadas pelo “homem de giz” do relato acima (ver Figuras 1 e 2). A partir de uma linguagem própria, esse homem deixa suas marcas na cidade, representa a si mesmo no espaço público. E, segundo a autora: “Essa produção da representação de si mesmo é, sem a menor dúvida, uma das consequências mais inovadoras da democratização brasileira” (CALDEIRA, 2012, p. 39). Entretanto, se por um lado podemos ler suas ações enquanto uma maneira de se inscrever na cidade deixando suas marcas, representando-se à sua maneira, por outro podemos encontrar algo que escapa ao enquadramento de qualquer categoria.

As intervenções chamadas de *inscrições* guiam e moldam os espaços urbanos, refletem processos históricos e nos dizem sobre o cotidiano das pessoas que habitam as cidades. Observar algumas das *inscrições* encontradas nas ruas de Viçosa nos faz refletir sobre o cenário político atual, nos remetendo a eventos históricos anteriores. “Durante os anos do regime militar, havia pixações de cunho político, das quais a mais conhecida era ‘Abaixo a Ditadura’, uma mensagem escrita para ser entendida, e portanto traçada em letras de forma simples” (CALDEIRA, 2012, p. 40). É possível notar semelhanças com as formas dos escritos encontrados nos muros em Viçosa atualmente (ver Figuras 4, 5 e 8). Eles subvertem uma fala “oficial”, inscrevem outros discursos que vão além das imposições escritas pela oficialidade que ditam e determinam controle sobre os espaços das cidades (ver figuras 7 e 6).

Por outro lado, as *inscrições* feitas pelo homem de giz não se apoiam em uma fala oficial, nem tentam criar uma norma outra. Elas subvertem qualquer oficialidade, fugindo de uma linguagem comum e da compreensão de grande parte das pessoas.

Em comum, podemos dizer que ambas as formas de *inscrições* constroem paisagens e criam narrativas próprias. A experiência de caminhar nos permite entrar em contato com tais narrativas, onde os espaços da cidade e as pessoas que a habitam contam suas próprias histórias. É uma narrativa coletiva em que “o transeunte vivifica o resultado de um trabalho social” (ARANTES, 2000, p.121). Dessa maneira, entendemos que “os habitantes são, na cidade, narradores em potencial das experiências vividas no contexto urbano” (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 130), porém, guiados por um *olhar disciplinado para ver a cidade* (URIARTE, 2013), entendemos também que o próprio espaço é capaz de falar e nos contar suas histórias, tornando-se um interlocutor na pesquisa.

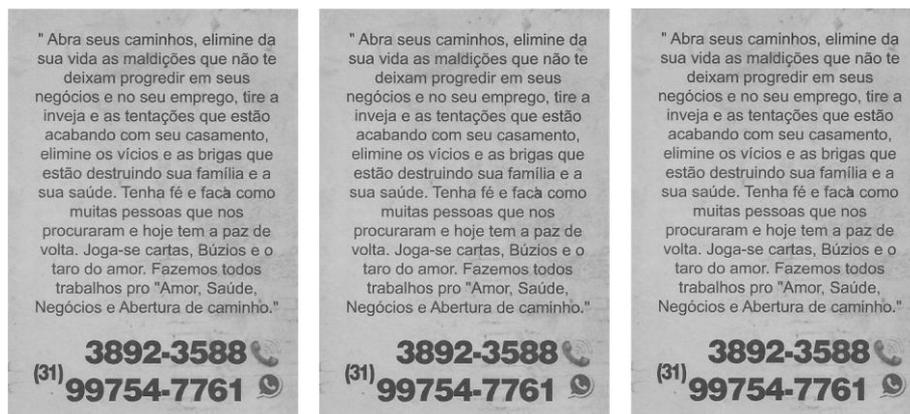


Figura 3: “Abra seus caminhos”, folhetos encontrados em abril de 2019. Fonte: acervo pessoal.

Portanto, etnografar o cotidiano de uma cidade e suas paisagens nos impele a localizar e adentrar essas conversas, a observar suas marcas e perceber, nas *inscrições*, uma cidade em constante movimento de construção e destruição. De coisas que são apagadas ou esquecidas e outras que despontam novas a cada esquina. Encontramos manifestos políticos, lamentos, palavras, rabiscos, desenhos, apresentações e informações de ofícios, narrativas e tempos que se misturam em uma mesma imagem.



Figura 4: “Resista artista! Pau no c\* do bolso”. Foto: Jeferson Carvalho da Silva, maio de 2019.



Figura 5: “#elenão”. Foto: Jeferson Carvalho da Silva, maio de 2019.



Figura 6: “Perigo”. Foto: Jeferson Carvalho da Silva, maio de 2019.



Figura 7: “Proibido colocar motos e bicicletas”. Foto: Jeferson Carvalho da Silva, junho de 2019.



Figura 8: “Viva liberdade”. Foto: Jeferson Carvalho da Silva, maio de 2019.



Figura 9: “Sobreposições”. Foto: Jeferson Carvalho da Silva, maio de 2019.

## Circulação

Constantemente, pessoas e objetos cruzam as ruas das cidades, perdem-se em seus caminhos e não deixam rastros. Os espaços urbanos impregnam-se desses movimentos efêmeros, que muitas vezes não deixam marcas. Os eventos de *circulação*, assim como define Teresa Caldeira (2012), são formas de produção da cidade *menos tangíveis*. Em seu texto, são descritas como o *skatismo* ou o *parkour*, por exemplo – práticas que dificilmente deixam suas marcas após passarem. É uma espécie de “poesia de passos perdidos”, como descreve Michel de Certeau (2014), onde tais práticas de circulação acabam por produzir espacialidades constituintes daquilo que se materializa enquanto a própria cidade.

Seguindo a mesma lógica apresentada em relação às *inscrições*, aqui deslocamos essa categoria de entendimento para as práticas corriqueiras das pessoas que habitam as cidades, compreendendo-a dessa maneira em suas mais variadas formas de apresentação.

Marcadas tanto na memória, quanto no corpo dos habitantes e apresentadas em diferentes tipos de registro, das crônicas ao desenho.

“Nós passamos por aqui” (ver SILVA, 2019a), escreve-se junto ao muro repleto de inscrições. As paredes marcadas pelo tempo, rachadas e sem tinta em alguns pontos, mostram as ruínas da cidade. Um senhor, camisa listrada, boné na cabeça e sacola nas mãos, passa ao lado do edifício em decomposição. Contudo, seus passos, se não fosse pelo instante congelado da fotografia, não poderiam dizer, assim como na inscrição, “nós [também] passamos por aqui”. Seriam mais uma dentre tantas outras “poesias de passos perdidos” (CERTEAU, 2014), capazes de criar mapas e formular seus próprios territórios.



Figura 10: "Nós passamos por aqui". Foto: Jeferson Carvalho da Silva, junho de 2019.

Assim, sob a forma de *enunciações*, as práticas de circular pela cidade podem nos comunicar sobre certo conhecimento espacial próprio das pessoas que o fazem cotidianamente (CERTEAU, 2014). Dessa maneira, podemos entender os movimentos cotidianos carregados e imersos em uma densidade histórica.

## Circulação, memória e cotidiano

Agnes Heller (2016) sugere centralidade da vida cotidiana em relação aos acontecimentos históricos e sociais. Segundo a autora, as pessoas já nascem dentro de uma cotidianidade e, ao longo da vida, adquirem habilidades para manipulação de coisas

indispensáveis para o prosseguimento dentro desse cotidiano. Os objetos trazem, nesse ponto, uma dimensão material para o cotidiano.

Heller nos diz que é através da manipulação das coisas (as formas com que são segurados copos e garfos, por exemplo) que ocorre a “assimilação das relações sociais” (HELLER, 2016, p. 19) e que a ordenação da vida cotidiana pode, então, se transfigurar em uma “ação moral e política” (p. 41). Seguindo essas pistas, podemos compreender que: “Se a memória de uma cidade é, por um lado, monumental, por outro, é vivida no percurso cotidiano das ruas e praças” (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 208).

Cirene Ferreira Alves (1996), também conhecida por Norah, relatava nas crônicas semanais, publicadas no jornal “A cidade” (em circulação no século passado), cenas da vida cotidiana da cidade de Viçosa. A escritora, além de narrar/relatar acontecimentos locais e nacionais, descrevia também personagens que circulavam pelas ruas e se faziam presentes em uma paisagem de outro tempo.

Segundo Rocha e Eckert (2013), um narrador não racionaliza as representações sobre a cidade, mas a interpretação que faz de sua própria experiência. Desse modo, o narrador que faz pulsar a cidade “em sua voz e em sua escrita” estende sua identidade e escapa de noções uniformizantes. A cidade de Norah deixa reminiscências no tempo de agora e seus relatos escritos nos remetem às suas memórias e interpretações dos movimentos do passado.

Assim, nas crônicas de Norah, temos fragmentos de narrativas, *enunciações* (CERTEAU, 2014) de uma memória inscrita nas pedras da cidade, no corpo dos caminhantes e nas construções narrativas elaboradas sobre as maneiras de ver a si mesmo e o seu entorno. Encontramos na crônica “Maria Caetana – I” de Norah, o seguinte relato:

Não andava como todos andamos; ela pendulava para a direita e para esquerda; se para a direita, o pé esquerdo adiantava; se para a esquerda, era a vez de conduzir o pé direito. Assim, pendulando pra direita e pra esquerda, *Maria Caetana* marcava presença na cidade, pois, sozinha, muito precisava *andar* para comprar o de necessário em casa e... vender os pastéis em que era exímia profissional. (ALVES, 1996, p. 157).

A narrativa sobre as singularidades na forma de andar de Maria Caetana, antiga vendedora de pastéis da cidade, reporta a movimentos cotidianos imersos em uma densidade histórica, como assinala Heller (2016). A passagem coloca o corpo como

elemento central, destaca o caminhar de Maria Caetana como forma de marcar sua presença na cidade, em uma espécie de *corpografia urbana* (JACQUES, 2008).

## Circulação, corpo e movimento

Caminhar tem suas limitações. Ao me propor às errâncias, me dispus a seguir até os pontos onde meu corpo aguentava. O sol, as calçadas acidentadas, as longas distâncias, tudo isso faz parte e interfere nesse processo. Desde que as errâncias se iniciaram, as experiências sensoriais e corporais da cidade se mostraram como elementos fundamentais no processo de pesquisa. Assim, torna-se necessário aos/às pesquisadores/as olhar para os espaços da cidade para além da visão acostumada de morador da própria cidade (URIARTE, 2013).

Como aponta Uriarte (2013, p. 06), “espaços urbanos centrais apresentam uma multiplicidade de estímulos para o transeunte e o pesquisador: estímulos visuais, táteis, olfativos, sonoros”. Dessa maneira, a experiência corporal se faz presente tanto no processo de construção da pesquisa como nos movimentos cotidianos dos habitantes da cidade. Paola Berenstein Jacques (2008) chama atenção para esses movimentos, que algumas das vezes se apresentam como “micro resistências” das experiências urbanas. A autora propõe então o que chama de *corpografias urbanas*: “corpografia é uma cartografia corporal [...] parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente”.

O sinal está aberto. Os pés, junto aos pedais de plástico da bicicleta, exercem a força necessária para que o movimento circular das correias se complete a fim de mover as rodas. O sinal fecha e os dedos das mãos se contraem apertando o freio e a bicicleta para. Seu pé esquerdo, em questão de segundos, vai ao encontro do chão em busca de equilíbrio. Homem e veículo se colocam em repouso, aguardando a autorização de passagem. O sinal novamente se abre, a anuência ao movimento é dada e os músculos exercem força. O mesmo pé que aguardava apertada o asfalto dando o impulso necessário ao deslocamento. As rodas voltam a circular e o passante segue seu caminho (Av. Santa Rita, Viçosa (MG), junho de 2019).



Figura 11: O sinal está aberto. Fotos: Jeferson Carvalho da Silva, junho de 2019.

Da mesma forma como os passos de Maria Caetana, relatados na crônica de Norah, os movimentos do ciclista passam despercebidos em meio à efervescência de movimentos efêmeros que pontilham o cotidiano das cidades. Mapear e ir em busca desses movimentos nos revela as “micro resistências” (JACQUES, 2008) elaboradas inventivamente por seus habitantes em suas práticas e percursos diários. Somos capazes de encontrar manifestos silenciosos marcados nos corpos que ocupam as ruas, uma linguagem política e poética, repleta de símbolos e micro ações dispersas pelo espaço.

Seu olhar curioso recai sobre os escombros amontoados na caçamba. Pedacos quebrados de madeira, uma impressora, uma panela elétrica para cozinhar arroz, um sofá branco com o estofamento rasgado, cadernos usados, sacolas, caixas de papelão e uma geladeira velha. Ao alcance das mãos, o homem retira a panela e a impressora de dentro do entulho, as coloca do outro lado da rua e, sentado em frente a uma vitrine, analisa os

objetos. Com um ruído seco coloca a panela no interior de um saco de linho e sem muito cuidado retorna a impressora ao lugar de onde foi tirada.



Figura 12: Subida. Fotos: Jeferson Carvalho da Silva, junho de 2019.

Ainda não satisfeito, rodeia a caçamba e mexe em algumas das madeiras procurando por outras coisas que fossem de seu interesse. Segundos depois, alça a mão em busca de apoio na lateral do sofá; ergue a perna esquerda colocando-a na parte de dentro da caçamba e, com a direita, realiza o impulso necessário para concluir sua subida. Uma vez em meio aos escombros, o homem se acomoda e pacientemente se detém sobre a velha geladeira. Auxiliado por uma pedra e uma barra de ferro, começa a tentar arrancar o seu motor. Aos seus pés uma placa com os dizeres: “Proibido subir sem autorização”(Rua dos Passos, Viçosa (MG), junho de 2019).



Figura 13: “Proibido subir sem autorização”. Fotos: Jeferson Carvalho da Silva, junho de 2019.

## Circulação e objetos

Sento-me em um dos bancos da Praça Mário Del Giudice, localizada no centro da Avenida Bueno Brandão, ladeada por cruzamentos e faixas de carro. A praça é arborizada, possui alguns bancos e no momento está vazia, algumas poucas pessoas passam apenas para atravessar a avenida, movimentada nos dois sentidos. Do outro lado da rua, há um ponto de ônibus que quase sempre está cheio e, na mesma calçada, pessoas caminham apressadas. Pego o caderno e começo a traçar desenhos das pessoas que passam ao meu redor. Dada a rápida passagem dessas pela praça, aos poucos, percebo que minha atenção recai sobre os objetos que carregam. Bolsas, sacolas, capacetes, serras, bengalas, mochilas,

cadernos, guarda-chuvas, celulares, canos de pvc, brincos, pulseiras, anéis, relógios, celulares, apenas para citar alguns.

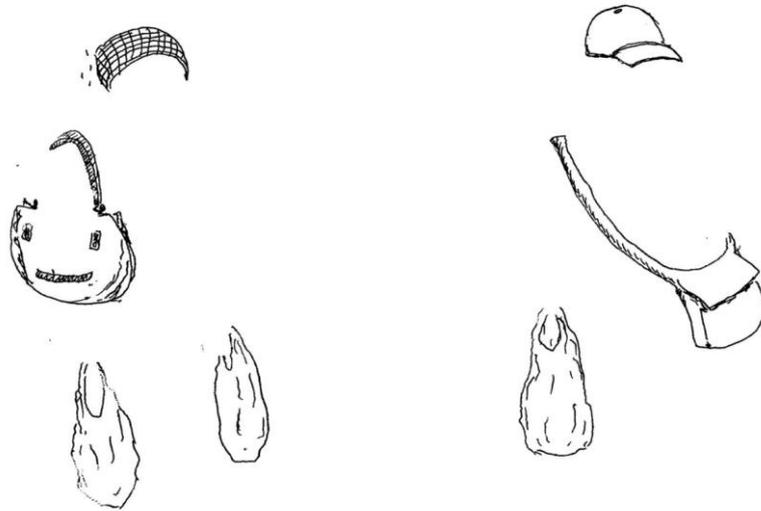


Figura 14: Pessoas e objetos. Desenho: Jeferson Carvalho da Silva, abril de 2019.

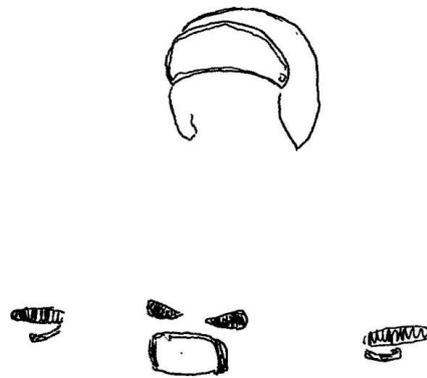


Figura 15: Motociclista. Desenho: Jeferson Carvalho da Silva, abril de 2019.

De acordo com Milton Santos (2013): “Nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam”. Os objetos, assim como pessoas, símbolos e ideias, circulam

pela cidade. São fabricados, carregados e ressignificados a todo instante. Segundo José Reginaldo Santos Gonçalves:

Na medida em que os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar descritiva e analiticamente seus deslocamentos e suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos. (GONÇALVES, 2007, p. 15)

O ponto de ônibus está cheio. As pessoas ocupam seus bancos, aguardam de pé ao seu lado ou sentam-se na beirada do edifício em ruínas, um antigo hotel da cidade. Algumas conversam entre si, outras apenas aguardam caladas. Das conversas consigo escutar um senhor dizendo a uma mulher: “Ela não precisa de casa não, precisa é da praça.”, referindo-se a Fernanda, uma pedinte que passa a sua frente, grávida. Em outro momento, um homem, aparentemente bêbado, se aproxima e pergunta a eles a localização do correio; quando ele vai embora, comentam: “No centro você não perde não, em Viçosa. Lá no Santa Clara, esses bairros assim que é mais comum. Ele tá é querendo arrancar dinheiro”.

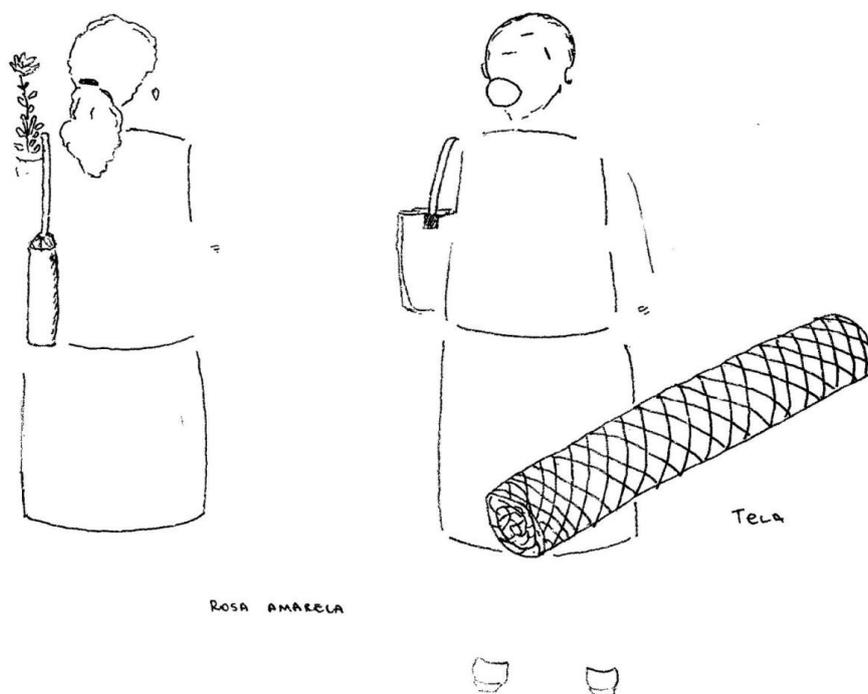


Figura 16: Pessoas e objetos, ponto de ônibus. Desenho: Jeferson Carvalho da Silva, abril de 2019.

O fluxo no ponto se dá em pulsos. Quando um ônibus passa, há esvaziamento, mas, logo em seguida, o lugar torna a se encher. As pessoas sempre carregam objetos consigo. Sentado junto às pessoas na beirada do edifício, escrevo em meu caderno: “A cidade das pessoas é a cidade dos objetos” e começo a traçar, inspirado por minha experiência anterior, desenhos das coisas que os passantes carregavam à espera do próximo ônibus.

## Da produção das imagens

Levando em conta os ensinamentos práticos das disciplinas antropológicas, que acabam por formar nos/as pesquisadores/as uma espécie de *olhar disciplinado*, podemos entender que a forma com que olhamos o nosso entorno é uma fabricação (URIARTE, 2013). Daí a importância de se desenvolver caminhos específicos para construção de *olhares disciplinados para ver as cidades* na antropologia. Olhares que compreendem não somente uma cidade escrita, determinada, mas que também se permite adentrar os espaços urbanos e suas narrativas, suas linguagens cotidianas, efêmeras, como os escritos nas paredes, os anúncios de serviços e a comunicação própria e não disciplinada do “homem de giz”, por exemplo. Olhares que acompanham os movimentos sutis e corriqueiros dos habitantes de uma cidade, enxergando suas singularidades e expressões políticas. No presente trabalho, o treinamento de um novo olhar é uma das maneiras pelas quais, aliado de outras formas de incursão e interpretação, fomos capazes de nos aproximar das práticas de *inscrição* e *circulação*, traçadas por Teresa Caldeira (2012) em seu artigo e ampliadas aqui, em forma de escopo.

Acompanhar as *inscrições* e os movimentos de *circulação* praticados cotidianamente pelas pessoas que habitam as cidades nos leva a ver de perto a construção e produção dos espaços urbanos. Por vezes, tais práticas passam despercebidas de tão corriqueiras e de tanto que nosso olhar se encontra *acostumado*, moldado pela rotina e posto em passagem rápida pelos espaços das cidades, o “que acaba ‘achatando’ a realidade observada” (URIARTE, 2013, p. 5). Ambas categorias também são capazes de nos fazer refletir acerca da própria produção de imagens no decorrer da pesquisa.

As imagens, que perpassam a construção de todo esse trabalho e despontam nas diferentes técnicas utilizadas ao longo da pesquisa, se tornaram elementos fundamentais para compreender e registrar o cotidiano das ruas da cidade de Viçosa, MG. Elas colocaram o olhar sobre os espaços urbanos em posição de estranhamento, tanto ao longo

de sua produção como de suas análises. Fosse fotografia ou desenho, a construção de imagens auxiliada por um *olhar disciplinado* durante o trabalho de campo possibilitou um diálogo com o espaço e as formas da própria cidade, com os discursos e ações cotidianas, políticas e poéticas de seus habitantes. Observando tal construção percebemos como cada uma das práticas descritivas aproximam-se das próprias categorias estudadas, *inscrição* e *circulação*. O desenho representando o gesto de uma observação em campo se coloca enquanto expressão ativa da observação, sua produção *inscreve-se* na narrativa exposta e na própria cidade enquanto está sendo feito, as fotografias, ao contrário, encontram-se em posição passiva, elas representam os movimentos, capturam ações a partir de sua mecanicidade, embora sejam os/as antropólogos/as a controlarem o enquadramento e a captura, são as máquinas que produzem as imagens, diferentemente do que ocorre com o desenho.

Os desenhos são uma “novidade velha” na antropologia, aponta Aina Azevedo (2016). Há muito eles estiveram presentes na disciplina, mas perderam-se ao longo do tempo. “Ao tentar localizar o desenho na história da antropologia, muitas vezes, as informações são encontradas por meio de outros assuntos e histórias, já que uma preocupação explícita com o tema é uma novidade” (AZEVEDO, 2016, p.19). Retomando essa técnica e a aproximando da metodologia proposta por Uriarte (2013), podemos compreender o desenho como mais uma das maneiras de disciplinar o olhar para ver as cidades. Já que, segundo Andrew Causey (2017), o desenho é também uma forma de ver e significar o mundo a nossa volta. Dessa maneira, o olhar dos/as antropólogos/as para as cidades, guiados pelas práticas de desenhar, pode se revelar como um recorte capaz de produzir e encontrar sentidos em tal espaço (KUSCHNIR, 2014).

Os desenhos que compõem esta pesquisa foram realizados em campo, com lápis 5B em papel pólen. Durante o processo de produção das reflexões, utilizei folhas de papel vegetal transparentes para copiar os desenhos do caderno de campo com caneta nanquim, 2mm, que foram, logo em seguida, digitalizados. Produzir desenhos em campo nem sempre pode ser fácil, no entanto, suscita uma série de experiências tanto ao/à pesquisador/a quanto aos passantes e interlocutores da pesquisa. Nos espaços públicos, eles colocam o/a pesquisador/a em diálogo com as formas, despertam a curiosidade de quem passa e agenciam interações espontâneas com as pessoas.

Sento-me em um dos bancos dispersos pela Rua Arthur Bernardes, mais conhecida como “Calçadão”, retiro meu caderno de dentro da bolsa e começo a desenhar a esquina da rua. Cida trabalha lá, vendendo jornais. Ela mora há 22 anos em Viçosa, mas é de

Presidente Bernardes, perto de Piranga. Às seis da manhã, busca os jornais para vender; às três da tarde acerta com a gráfica. Depois disso, pega a lotação na pracinha e volta para casa. “Eu gosto de trabalhar na rua pra ver as pessoas passando”, ela me diz quando mostro o desenho que fiz da esquina onde ela trabalha. Ela chama a vendedora de uma das lojas próximas, toma meu caderno nas mãos e diz apontando para o desenho: “Olha, ele desenhou o prédio e me desenhou aqui embaixo”. Ela observa o desenho durante alguns minutos e diz, “você devia ter desenhado esse (o edifício em frente) que é mais fácil pra você, esse aqui é muito complicado” (Cida, conversa informal, 26 abr 2019, Viçosa).

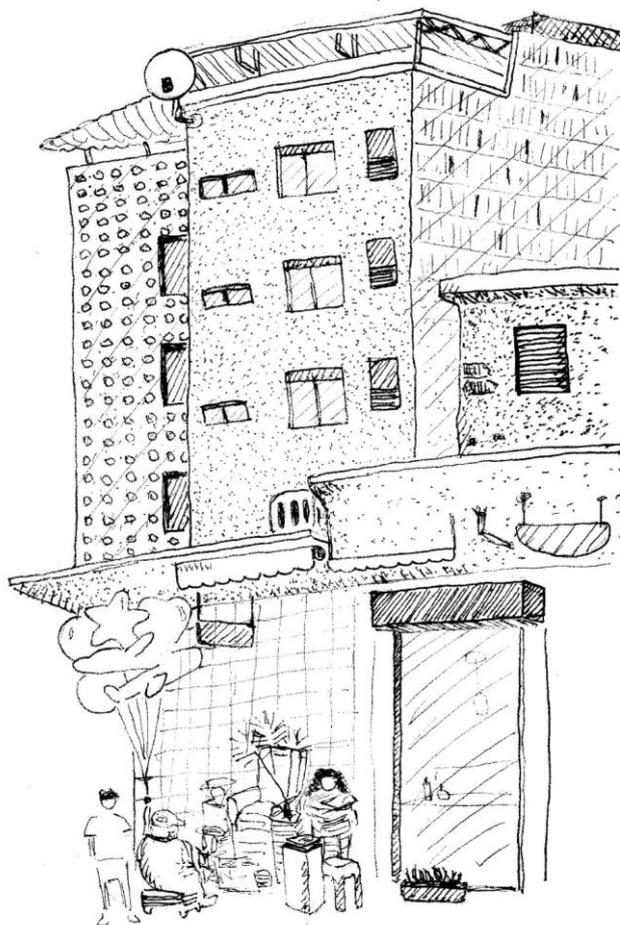


Figura 17: “Ele desenhou o prédio e me desenhou aqui embaixo”. Desenho: Jeferson Carvalho da Silva, abril de 2019.

Desenhar nos espaços das cidades nos impele a adotar outros ritmos, o ritmo das linhas, do correr do lápis pelo papel. Como aponta Gomes (2016, p. 86), “Desenhar é como estar num diálogo constante com o espaço, com as formas, as perspectivas, mas é também estar e conversar com as pessoas”. Os desenhos em campo favorecem os diálogos, verbais ou não, estimulando a participação colaborativa das pessoas no

andamento da pesquisa (KUSCHNIR, 2016). Em outro ponto, os desenhos são uma forma de também treinar e direcionar nossos olhares, é uma forma de adotar outros ritmos e observar, apenas. Essa postura, “somada às outras, pode oferecer um quadro mais complexo daquele oferecido trabalhando apenas com o relato das pessoas” (URIARTE, 2013, p. 8).

Em consonância, as fotografias, assim como os desenhos, auxiliaram as narrativas etnográficas escritas, elas “utilizada[s] como potência narrativa traz[em] em si a complexidade da citação (ou evocação) de uma experiência (humana)” (BARBOSA, 2016, p. 202). Desse modo, assim como o desenho, a fotografia nos coloca em outro ritmo na pesquisa, ela congela a experiência, os movimentos e assim “permite uma reflexão em outro ritmo, mais lento, sobre o que se vê. Permite re-ver e, portanto, re-pensar” (URIARTE, 2013, p. 10). Para além, em auxílio à composição das narrativas cartográficas, podemos entender também que:

Cada foto de um edifício é em si uma seleção subjetiva e exemplar do objeto, seja porque se transfere para o mapa aquela coisa e não uma outra, seja porque em cada foto existe sempre uma leitura do objeto parcial, subjetiva, e nunca o próprio objeto [...] Até mesmo a foto mais realista será sempre um mapa de um território irreduzível a um papel impresso. (CANEVACCI, 1997, p. 140).

As fotografias que fazem parte deste trabalho também foram realizadas durante as errâncias e incursões em campo, ora com meu próprio celular, ora com o auxílio de uma máquina fotográfica. A máquina impõe sua presença no ambiente, chama atenção ao que está sendo fotografado, gera curiosidade aos passantes. O celular, embora possa ter os mesmos efeitos em certas situações, muitas das vezes passa despercebido, sua praticidade faz com que produção das imagens se dê rapidamente, mas permite análises posteriores em outros ritmos. Algumas das imagens aqui presentes foram também agrupadas em quadros de movimento, onde se apresentam em sequência os registros dos movimentos observados em campo.

Contudo, embora desenhos e fotografias possam ter aproximações entre si ao nos colocar em outros ritmos de pesquisa e formas de narração, há entre eles diferenças substanciais. Enquanto o primeiro se deu por uma agência ativa em sua produção, o segundo apresentou-se passivamente durante o processo de pesquisa. Ao produzir desenhos em espaços públicos o/a antropólogo/a *inscreve-se* no ambiente, encontra-se em ritmo de permanência, de outra maneira, a rapidez dos recursos

fotográficos nos levam a um ritmo de *circulação*, a uma passagem rápida. Seus resultados são distintos, um processo não se sobrepõe ao outro, ambos possuem em si suas potencialidades e desafios.

Sob outra perspectiva, podemos compreender ainda a construção de imagens pelas próprias pessoas que habitam as cidades. Estas, em suas práticas cotidianas, criam suas próprias visualidades, fundam espaços, esboçam seus próprios mapas (ver SILVA, 2019b), deixam suas marcas, seus manifestos e constroem paisagens. “As paisagens são criadas pela ação humana e, ao se tornarem referências de tempo-espaço para as ações e experiências compartilhadas, elas por sua vez realimentam o processo histórico” (ARANTES, 2000, p. 84). Dessa maneira, podemos observar que as paisagens de uma cidade estão sempre em processo de construção, não de maneira isolada, mas ancoradas em um processo histórico constantemente moldado pelas práticas cotidianas de seus habitantes.

Ao caminhar pelas ruas, o clima se altera, a sonoridade muda, me encontro imerso em uma profusão de sentidos. Primeiro ouço o barulho dos motores e, aos poucos, passo a ouvir galos cantando até os ver andando pelas calçadas. Em certas ruas da cidade de Viçosa, encontramos aspectos do que muitos poderiam chamar de *rural* entrelaçados ao que outros poderiam chamar de *urbano*. Entretanto, essas mesclas e suas observações nos fazem repensar ambas as categorias. Colocá-las sob análise nos faz refletir sobre outras expressões de um mesmo conceito, menos cristalizadas e dicotômicas.

Na rua Doutor Brito, há um espaço entre duas construções. Presa a estacas de madeira, estende-se uma cerca de arame farpado ligando duas casas de um lado a outro. A calçada possui muitos buracos e por trás da cerca encontramos um morro em declive, coberto de capim. Ao pé do morro, um homem, de camisa azul e chapéu de palha, roça o mato com golpes de foice. Algumas cabras se espalham pelo lugar, rodeiam o homem, pulam por toda a parte e comem capim.



Figura 18: Cabras e casas. Foto: Jeferson Carvalho da Silva, maio de 2019.

Observando a fotografia, encontramos: em primeiro plano, a cerca de arame farpado; logo atrás, uma cabra comendo capim; mais ao fundo, casas e prédios, muitas sem pintura com tijolos aparentes. É uma paisagem em construção. Camadas de símbolos se entrecruzam na formação de algo interdependente e em movimento. Encontramos essa cena em uma região próxima ao centro da cidade, uma configuração de práticas que escapam de dicotomias totalmente definidas. E a imagem, assim, se torna capaz de nos fazer refletir acerca de tais construções.

## Considerações finais

Tomar os conceitos de *inscrição* e *circulação* para acompanhar e analisar as práticas dos habitantes das cidades nos leva a ver de perto a construção e ocupação cotidiana dos espaços urbanos. As práticas que se agrupam nessas categorias podem ser diversas, efêmeras, corriqueiras, por isso, o/a pesquisador/a deve treinar o seu olhar para compreendê-las e analisá-las, daí a importância de se construir *olhares disciplinados para ver as cidades* (URIARTE, 2013).

As imagens, no processo de construção desse olhar específico para compreender as dinâmicas que se desdobram nos espaços urbanos, são ferramentas importantes. São caminhos que nos apresentam outras maneiras de narrar, interpretar e se aproximar da realidade das ruas, praças, becos e avenidas. Seja na utilização do desenho ou da fotografia,

cada um com suas especificidades, somos direcionados a outros ritmos e formas de pesquisa, a outras maneiras de interação e coleta de relatos. Nos aproximamos de conversas com o próprio espaço, com os prédios, os postes, as placas, as pedras, os papéis caídos nas ruas e todos os elementos que se apresentam em uma simples caminhada pela cidade.

Acompanhando as *inscrições*, compreendemos as criações visuais das pessoas que ocupam os espaços urbanos, a composição de suas paisagens, de seus mapas, de seus manifestos e reivindicações. Toda sorte de apontamentos nos mostra outras formas de guiar o espaço, códigos visuais traçam caminhos, anunciam serviços, crenças, desejos, manifestam-se e se impregnam por todas as esquinas. Essas práticas de inscrição tomam a cidade como suporte de expressão, criando paisagens e narrativas únicas.

Por outro lado, seguindo os movimentos de *circulação*, embarcamos em uma multiplicidade de ações efêmeras que despontam em todo o canto e não necessariamente deixam as marcas de sua passagem. Esses deslocamentos inscrevem-se no corpo dos habitantes em um processo mútuo (JACQUES, 2008). As pessoas inventivamente ocupam as ruas, colocam-se nos espaços urbanos e marcam sua presença. Acompanhar esses eventos nos revela a quais corpos se permite o deslocamento, em quais locais, sob quais condições. Esses corpos carregam manifestos silenciosos que nos revelam uma linguagem política de controle e construção das cidades.

É importante ressaltar ainda que essas duas categorias não se encontram isoladas, elas coexistem num emaranhado de inúmeras outras práticas que preenchem os espaços urbanos. São imersas em processos históricos e se desdobram em linguagens poéticas e políticas de ocupação dos espaços, de reivindicação do direito à cidade. Juntas, elas nos aproximam de uma visão caleidoscópica da cidade. “Mais de que espaços circunscritos e visíveis, os espaços urbanos são fluídos e mutantes e o conjunto está, por tanto, sempre mudando” (URIARTE, 2013, p. 11). Dessa maneira, nos deparamos com uma cidade em constante movimento, onde sua matéria é produzida e ressignificada inventivamente por seus habitantes em suas práticas cotidianas.

## Notas

1. Pesquisa realizada entre os meses de março e setembro de 2019. Parte dos dados foram obtidos ao longo da disciplina “Tópicos Especiais em Antropologia II – Migrações, deslocamentos, mobilidades”, oferecida pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa e ministrada pelo Professor Douglas Mansur da Silva – a quem deixo aqui meus agradecimentos.

## Referências

- ALVES, Cirene Ferreira. *Saudade em dois tempos: crônicas de Norah*. Viçosa: [s.n.], 1996.
- ARANTES, Antonio Augusto. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Editora da Unicamp. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- AZEVEDO, Aina. “Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5, n. 2, 2016, pp. 15-32.
- BARBOSA, Andrea. “Fotografia, narrativa e experiência”. In: BARBOSA, Andrea (et al.). *A experiência da imagem na etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2016, pp. 191-204.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. “Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo”. Tradução de Claudio Alves Marcondes. *Novos Estudos – CEBRAP*, n.94, 2012. pp. 31-67.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. Tradução de Cecília Prada. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- CAUSEY, Andrew. *Drawn to see: drawing as an ethnographic method*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.
- CERTEAU, Michel de. “Terceira parte: práticas de espaço”. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, pp. 155-198.
- GOMES, Inês Belo. “‘Deixei o desenho enterrado’ ou como ressuscitar o grafismo enquanto metodologia antropológica: um caso prático”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5, n. 2, 2016, pp. 75-90.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Teorias antropológicas e objetos materiais”. In: *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: 2007, pp. 13-42.
- HELLER, Agnes. “A estrutura da vida cotidiana”. In: *O cotidiano e a história* [livro eletrônico]. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016.
- JACQUES, Paola Berenstein. “Corpografias urbanas”. São Paulo: Arqutextos, ano 8, n. 093.07, *Vitruvius*, 2008. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>. Acesso em: 12 jun 2019.
- \_\_\_\_\_. “Experiência Errática”. *Redobra*. Salvador: n. 10, ano 3, 2012, pp. 192-204.
- KUSCHNIR, Karina. Desenhando cidades. *Sociologia & Antropologia*, v. 02.04, 2014. p. 295-314.

\_\_\_\_\_. “Ethnographic Drawing: eleven benefits of using a sketchbook for fieldwork”. *Visual Ethnography Journal*, v.5, n. 1, 2016, p. 103-134.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

SANTOS, Milton. “O lugar e o cotidiano”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul* [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2013.

SCHVARSBURG, Gabriel. “Cartografar o movimento: narrativas da sarjeta”. *Redobra*. Salvador: n. 09, ano 3, 2012, pp. 160-178.

SILVA, Jeferson Carvalho da. “‘Nós passamos por aqui’: notas de uma experiência etnográfica errante”. *Fotocronografias*, v. 5, n. 10, 2019a, pp. 166-179.

\_\_\_\_\_. “‘Estou ao lado do açougue’: construindo narrativas etnográficas de espaços cotidianos”. *Fotocronografias*, v. 4, n. 8, 2019b, pp. 98-111.

URIARTE, Urpi Montoya. “Olhar a cidade”. *Ponto Urbe*, n. 13, 2013, pp. 1-14. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/774>. Acesso: 15 set 2019.

Recebido em 29 de fevereiro de 2020

Aceito em 11 de maio de 2020